



Viagens ao Amanã: experiências, relatos e propostas para o turismo de base comunitária na Amazônia¹

Journeys to Amanã: experiences, reports and proposals for community-based tourism in the Amazon

Eduardo de Ávila Coelho, Bernardo Machado Gontijo

RESUMO: Comunidades locais se organizam para trabalhar com o turismo em áreas protegidas na Amazônia. Esta realidade é cada vez mais frequente, com exemplos no Brasil, Peru, Equador, entre outros. Desde 2006, é também realidade na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, no estado do Amazonas, onde técnicos e pesquisadores trabalham junto às comunidades do lago Amanã, trazendo o tema do turismo para discussão, oferecendo apoio e coletando informações para ajudá-los a desenvolver o turismo em seus territórios. Para conferir aos moradores experiência prática e autonomia na tomada de decisão, a partir de 2010 foram realizadas viagens experimentais, levando turistas para visitarem a região. As viagens tiveram diversos níveis de envolvimento dos habitantes, utilizaram distintas estruturas logísticas e propiciaram diferentes tipos de experiências para os envolvidos. E assim, serviram para apoiar ideias e conceitos em questões práticas, que por sua vez possibilitam aos moradores tomar decisões sobre um formato de turismo a ser implementado (ou não) pelas comunidades. Com base nessas experiências e nos relatos das 'Viagens ao Amanã', são discutidas diversas questões sobre o turismo de base comunitária, enfatizando a visão dos visitantes e as proposições dos comunitários sobre o tipo de turismo que pretendem desenvolver.

PALAVRAS-CHAVE: Viagens Experimentais; Relatos de Viagens; Turismo de Base Comunitária; Reserva Amanã; Amazônia.

ABSTRACT: Local communities are mobilizing to work with tourism in protected areas of the Amazon. This is becoming more and more frequent, with examples in Brazil, Peru and Ecuador, amongst others. Since 2006, in the Amanã Sustainable Development Reserve in the Brazilian state of Amazonas, experts and researchers have been working together with local communities, bringing the topic of tourism to discussion, offering support and gathering information to help them develop tourism in their territories. In order to give residents practical experience and autonomy in decision-making, experimental trips with visiting tourists have been undertaken since 2010. These trips had different levels of involvement by residents and used a variety of logistical structures, thus providing diverse experiences for those involved. This served to support ideas and concepts around practical issues, which in turn enable residents to make decisions concerning a tourism format to be implemented (or not) by the communities. Based on these experiences and the tourists' reports from these 'Journeys to Amanã', several issues about community-based tourism are discussed, emphasizing the views of the visitors and the proposals of the residents on the type of tourism they intend to develop.

KEYWORDS: Experimental Trips; Travel Reports; Community-Based Tourism; Amanã Reserve; Amazonia.

Introdução

Em uma área central da Amazônia, no estado do Amazonas, Brasil, está localizada a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã². Com 2.348.962 hectares a Reserva é cercada por outras importantes Unidades de Conservação (UC) como o Parque Nacional do Jaú, a RDS Mamirauá e a Reserva Extrativista do Rio Unini. Ecossistemas de várzea, terra firme e igapó compõem o ambiente, que ocupa áreas entre as bacias dos rios Japurá/Solimões e Negro. Segundo dados do Plano de Gestão (SEMA, 2019), aproximadamente 4.300 pessoas, espalhadas por 107 comunidades, habitam a RDS Amanã, sua maioria nas afluentes do rio Japurá, o que dista aproximados 150 quilômetros de Tefé, no médio Solimões e 680 quilômetros da capital Manaus. A Figura 1 apresenta a área das Reservas Amanã e Mamirauá, com destaque para a região do Lago Amanã.

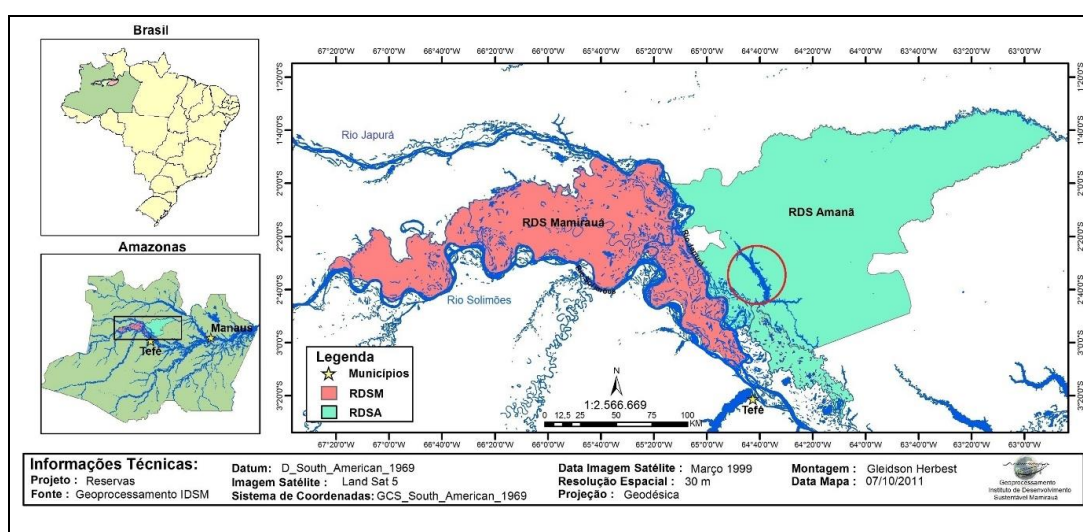


Figura 1: Reservas Mamirauá e Amanã, em destaque o lago Amanã. **Fonte:** IDSM.

Criada em 1998 (AMAZONAS, 1998), a Reserva Amanã seguiu o modelo de implantação de sua vizinha RDS Mamirauá, inclusive servindo de campo para diversas pesquisas e trabalhos de extensão conduzidos, principalmente, pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM). Apoio para a organização comunitária, para o manejo de pesca ou o artesanato, além das pesquisas em biodiversidade, agricultura ou arqueologia, são alguns dos trabalhos desenvolvidos pelo IDSM na área. Desde 2006 vêm sendo discutidas na região do lago Amanã as possibilidades para o turismo de base comunitária (TBC), modelo que valoriza a autogestão (MALDONADO, 2009), o empoderamento (DOLEZAL; NOVELLI, 2020), a autenticidade (ZAOUAL, 2009) e a convivialidade (SAMPAIO, 2007) entre outros propósitos. Desde então passou a ser promovida a atuação de técnicos e pesquisadores através de visitas e reuniões com diversos atores locais em dezenas de comunidades e com a realização de intercâmbios e viagens experimentais.

A região do Lago Amanã, composta por terra firme e igapó, igarapés e várzeas de rios de água branca, além de um enorme lago de água preta com 42 quilômetros de comprimento, apresenta grande potencial para turismo de

natureza, cultural, rural e comunitário (OZORIO, 2009; COELHO, 2013). Nove comunidades da região – em especial Ubim, Bom Jesus do Baré e Boa Esperança – têm sido palco dos trabalhos para o planejamento e desenvolvimento do turismo, onde diversos moradores têm assumido importante papel de liderança na condução dos processos. Para Araújo e Gelbcke (2008, p. 366) o TBC “*é uma modalidade de turismo que prioriza o lugar, a conservação ambiental e a identidade cultural*” e se apresenta como opção de desenvolvimento para pequenas comunidades, já que proporciona a ampliação das práticas cotidianas em suas terras e se insere em um conjunto de atividades que representam uma nova multifuncionalidade dos espaços rurais (SANSOLO; BURSZTYN, 2009).

Entre 2006 e 2007, técnicos do IDSM começaram a tratar o tema do turismo com as comunidades da RDS Amanã através de encontros e reuniões. Nos anos de 2008 e 2009 foi iniciado um inventário turístico do lago Amanã (OZORIO, 2009) e ainda em 2009 aconteceu um intercâmbio em que lideranças do Amanã foram levadas para conhecer a vizinha Reserva Mamirauá e a iniciativa institucional / comunitária da Pousada Uacari. A partir de 2010 as pesquisas miravam a viabilidade do turismo comunitário e a elaboração de um plano de negócios (COELHO, 2012). Para apoiar estas informações começaram a ser realizadas as primeiras viagens experimentais ao lago Amanã.

Estas viagens serviram para analisar as opiniões dos atores envolvidos, as opções logísticas, os custos com operação, implantação e manutenção e principalmente para que os moradores aprendessem na prática sobre possíveis efeitos do turismo e então pudessem decidir se realmente desejavam estimulá-lo e através de qual formato. Entre 2010 e 2020 foram realizadas diversas viagens turísticas à Reserva Amanã, das quais 25 foram acompanhadas de alguma forma (com maior ou menor grau de participação no planejamento e execução) e analisadas em suas características e desdobramentos, servindo como base para a discussão sobre as possibilidades para turismo de base comunitária em uma área protegida da Amazônia.

Objetivos e metodologia

No período em que foi acompanhado o processo de planejamento e construção das propostas para o turismo comunitário em Amanã, de 2010 até o presente, aconteceram diversas viagens turísticas em caráter experimental para ajudar a embasar as possíveis escolhas dos moradores. O objetivo deste trabalho é apresentar essas “Viagens ao Amanã” através dos relatos dos visitantes³ e analisar como estas experiências contribuíram de forma prática para a percepção dos moradores sobre o processo de organização para o turismo, bem como conferiram maior autonomia na tomada de decisões.

Ao longo deste período de mais de dez anos, a principal intenção foi analisar – através de uma abordagem etnográfica – o cotidiano ribeirinho, a fim de compreender as realidades locais. A partir daí, junto com os moradores e utilizando das experiências turísticas pioneiras, buscou-se vislumbrar as

possibilidades para o TBC na RDS Amanã. No decorrer dos anos, o processo de atuação teve diferentes fases, nas quais a relação de convívio e trabalho junto aos comunitários se alterou. Entre 2010 e 2012 foi desenvolvida uma pesquisa através do IDSM, buscando avaliar a viabilidade social, ambiental e econômica do turismo de base comunitária na Reserva Amanã (COELHO, 2012). Entre 2014 e 2016 foi apoiada a formação e organização do Grupo de Turismo do Amanã, junto com lideranças de três comunidades do lago. Desde 2017, a atuação inclui longos períodos de estadia no lago e visa investigar sobre as “Bases comunitárias para um Turismo Libertador”⁴, com o foco na área do lago Amanã e no setor Mamirauá, Reserva Mamirauá.

Durante todo o tempo de atuação na região, com o intuito de conhecer de forma aprofundada as realidades locais, foi enfatizada a ‘participação observante’, onde observador torna-se um experimentador e a experimentação, um meio a serviço da observação (VILLELA, 2002). Por diversas vezes foram acompanhadas ativamente as inúmeras formas de pesca, os trabalhos da agricultura, os extrativismos, as etapas da fabricação da farinha amarela, as formas de caça, as festas e reuniões comunitárias, os torneios esportivos, além é claro do acompanhamento de algumas das viagens com turistas. Através desse convívio frequente foi possível estar próximo de uma população⁵ que é tão aberta e receptiva, e aprender sobre a hospitalidade, a convivência comunitária e as cosmologias amazônicas. Toda essa multiplicidade de vivências junto às comunidades de Amanã ajudou a pensar e analisar as possibilidades para o turismo, aliando a teoria às práticas turísticas observadas nas viagens experimentais.

A Figura 2 apresenta em detalhe a região do lago Amanã e as comunidades envolvidas nos trabalhos com turismo, com destaque para a cabeceira do lago, onde se concentraram as viagens experimentais e onde as lideranças jovens vêm se envolvendo com a condução dos processos. Atualmente, são as comunidades Bom Jesus do Baré e Ubim as que se destacam na condução das atividades que envolvem o planejamento e a execução do turismo.

Diferentes formatos de viagens permitiram testar distintas possibilidades, equipamentos, custos, público-alvo e experiências vivenciadas. Em algumas, nossa atuação técnica foi mais ativa no planejamento e execução, enquanto em outras não houve essa participação, sendo apenas enviado o questionário aos turistas. Na discussão que se segue serão apresentados diversos dados e relatos dos visitantes sobre estas viagens, que apontam para alguns caminhos possíveis para o TBC em Amanã. Segundo Cezar (2010, p. 28), “o relato de viagem é um gênero literário sem lei”, e consiste em uma narração pessoal e não em uma descrição objetiva (TODOROV, 2006). Aproveitando estes relatos, questões sobre as formas de turismo na Amazônia e as experiências vividas pelos viajantes no Amanã podem contribuir para reflexões sobre o TBC e ajudar as comunidades a se organizarem para desenvolver a atividade em seus territórios.

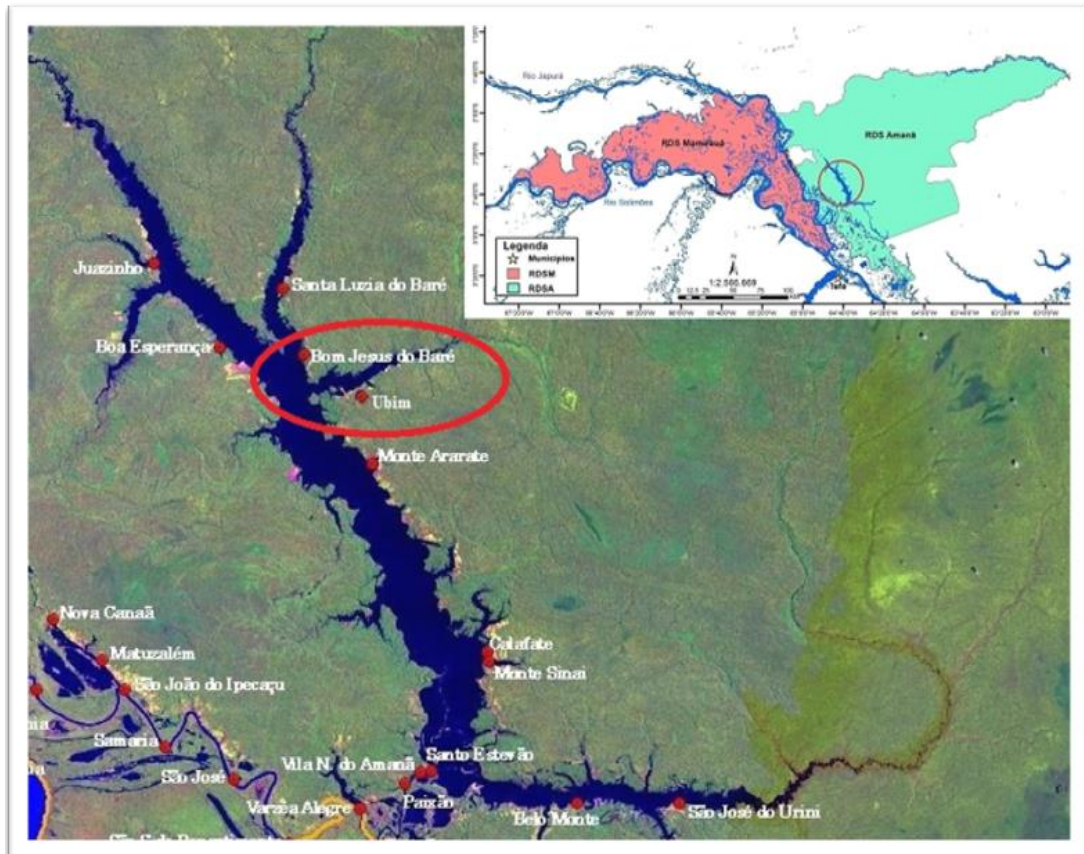


Figura 2: Lago Amanã e comunidades mais envolvidas com o turismo. **Fonte:** IDSMM.

Viagens à Amazônia, Viagens ao Amanã

O Amanã é um lugar que revela o que a Amazônia tem de mais peculiar e característico, e que habita o imaginário sobre a região. De barco são necessários três dias desde Manaus, dois deles pelo rio Solimões, em grandes navios recreio⁶ até a cidade de Tefé. É possível também chegar de avião, mas a viagem de barco favorece a transição do viajante para o 'tempo do rio'. Os dois dias de viagem podem funcionar como uma adaptação à paisagem, uma preparação para a experiência que está por vir. No entanto, o tempo da cidade, de onde vem grande parte dos turistas, nem sempre permite essa primeira descoberta, mas ela pode acontecer então no trajeto entre Tefé e o lago Amanã. De barco, dependendo do nível da água dos rios e da possibilidade de uso dos furos⁷, pode variar entre nove e 15 horas, passando por grandes rios como o Solimões e o Japurá, depois por rios menores já no interior da Reserva, até alcançar o grande lago de água preta.

A paisagem do lago Amanã (Figuras 3 a 6) representa a imensidão amazônica em muitos de seus sentidos superlativos. Água e floresta a se perder de vista. Sítios e comunidades esparsas entre as margens que oferecem terras mais altas para a construção de habitações. As comunidades mais envolvidas com o turismo se encontram na cabeceira, sendo necessárias duas horas navegando pelo lago para encontrá-las. Ainda não existem estruturas de hospedagem, portanto, as viagens já realizadas

utilizaram as casas e barcos dos próprios moradores, ou então as bases de pesquisa do IDS M.



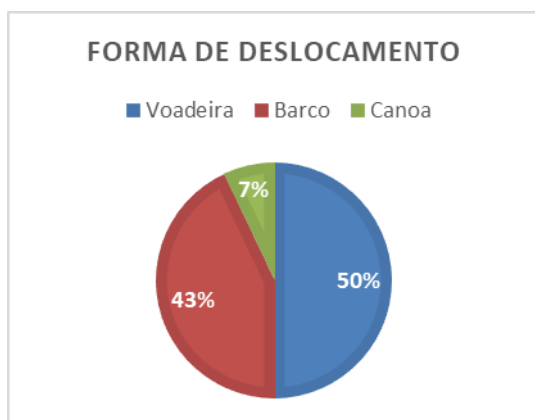
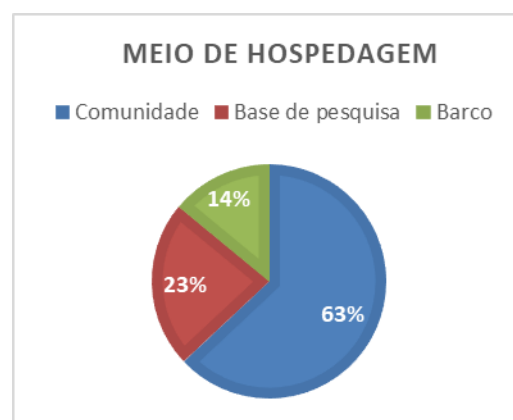
Figuras 3 a 6: Lago Amanã, suas comunidades e habitantes. **Fonte:** EduCoelho.

As experiências priorizaram o uso de estruturas locais, valorizando os modos de vida, a simplicidade e a praticidade. O TBC deve ser visto como um produto que visa um determinado segmento de consumidores com um perfil específico (BALLESTEROS; RAMÍREZ, 2010), que formam um nicho de mercado de viajantes em busca de experiências originais e enriquecedoras (MALDONADO, 2009). Nesse sentido, Wearing e Neil (2001, p. 75) dizem que, *“para cada viajante preparado para ir ao encontro do ‘selvagem’ como ele se apresenta, existem centenas de outros viajantes que pedem que o lugar seja modificado para seu uso”* (grifo do autor). Dessa forma, o Amanã ainda se apresenta em seu estado ‘selvagem’ – ou, não modificado (pelo turismo) para atender aos turistas – sendo que as experiências priorizaram o contato com os moradores e seus modos de vida, para que, através de suas perspectivas, os visitantes descobrissem a floresta.

Ao todo foram acompanhadas 25 viagens, nas quais participaram 71 turistas, que, em sua maioria, responderam a um questionário com perguntas objetivas sobre a viagem, além de um espaço para que registrassem um relato sobre a experiência vivida. O Quadro 1 mostra o número de pessoas que visitaram a RDS Amanã no período de 11 anos, enquanto os Gráficos 1 e 2 apresentam as formas utilizadas para deslocamento e hospedagem.

Quadro 1: número de visitantes entre 2010 e 2020.

ANO	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
VISIT.	9	8	13	-	10	8	-	-	6	14	3

**Gráfico 1:** Meio de transporte.**Gráfico 2:** Meio de hospedagem.

A maneira de acessar a RDS Amanã é por via aquática, variando apenas o tipo de embarcação utilizado. Metade dos visitantes se deslocou em voadeira, que é mais rápida e consome mais combustível, enquanto uma parcela significativa utilizou barco, que é mais lento, porém confortável. Como ainda não existe uma estrutura destinada a hospedagem, a maioria dos visitantes pernitoou em casas de moradores das comunidades, enquanto uma parte utilizou a base de pesquisa do IDSM e outra parte dormiu no próprio barco em que viajava.

A primeira viagem experimental foi realizada em novembro de 2010, após meses de preparação junto às comunidades do lago. O planejamento até então procurava valorizar a aproximação entre anfitriões e seus hóspedes, na busca de proporcionar experiências transformadoras para todos os envolvidos, considerando que “a condição para o turismo de base comunitária é o ‘encontro’ entre identidades, no sentido de compartilhamento e aprendizagem mútua” (IRVING, 2009, p. 116). As atividades incluíram trilhas na floresta de terra firme, passeios a remo nos igarapés, banho de rio, visitas às comunidades, exposição de artesanato local e muita interação entre comunitários e visitantes.

Alguns relatos indicam a riqueza dos encontros e possibilidade transformadora da experiência. R. Gonçalves (55 anos, 2010) explicou que

na ida para Amanã imaginava uma natureza exuberante, surpreendente, linda, energética etc., e de fato, por mais que imaginasse, ela foi diferente e superou qualquer expectativa. Porém, o mais surpreendente para mim foram as pessoas [...] sem dúvida não sou a mesma pessoa de antes da viagem.

F. Pires (58 anos, 2010) argumentou sobre as possibilidades de se aprofundar ainda mais o convívio com as comunidades:

paisagens belas podem ser contempladas em diferentes partes do mundo, mas o convívio humano, este sim, está cada dia mais difícil de ser experimentado. Os saberes das pessoas que vivem em Amanã é uma riqueza comparável às belas paisagens locais. [...] Seria muito interessante acompanhar alguma rotina dos comunitários como torrar a farinha, alguma festa religiosa, enfim, o interessante seria mesmo estar vivendo dentro de uma comunidade para vivenciar o dia a dia deles.

Essa primeira viagem permitiu que fossem levantadas informações fundamentais para a sequência do processo de planejamento, como os custos logísticos, as atividades de maior interesse e as opiniões dos envolvidos. Entre as demais viagens experimentais que se seguiram no período da pesquisa sobre a viabilidade do TBC em Amanã duas delas tiveram um caráter técnico. Nessas ocasiões foram testadas as opções logísticas, a formatação de roteiros, bem como coletadas as opiniões dos visitantes. Outras três viagens experimentais de cunho turístico aconteceram entre 2011 e 2012, quando os moradores já estavam mais envolvidos com a atividade e participaram mais ativamente do planejamento e execução das viagens, inclusive disponibilizando estruturas próprias (como canoas, barcos e casas) para o uso com os visitantes.

Em março de 2011 uma equipe, composta por dois consultores e dois funcionários da Pousada Uacari visitou a Reserva Amanã a fim de levantar o potencial para o segmento de *'birdwatching'*. Em julho do mesmo ano aconteceu uma visita de uma consultora que trabalhava no projeto de ecoturismo de Mamirauá. Novas áreas foram visitadas e diferentes moradores participaram pela primeira vez. No entanto, os consultores por vezes pareceram frustrados com a pouca experiência que esses possuíam na prestação de serviços de guiamento. Isto demonstra que os observadores de aves costumam ser mais exigente com os serviços que se referem à possibilidade de avistamento, indicando ser um público mais difícil de atender no início dos trabalhos com turismo, em comparação a outros perfis mais interessados em experiências culturais, por exemplo. Em relatório Bernardon e Bernardon (2012), afirmam que

a RDS Amanã encontra-se em uma área de grande interesse para a ornitologia e observação de aves, e a lista das espécies já registradas na reserva até o momento demonstra isso. Apesar da distância que separa a Reserva da cidade de Tefé, pode-se criar um roteiro que combine a visita a Amanã com Mamirauá, o que tornaria a viagem mais agradável e enriqueceria a experiência.

Aparecem questões importantes como os desafios logísticos e a sugestão de um roteiro combinando Mamirauá e Amanã. Trabalhos em conjunto com a equipe da Pousada Uacari já aconteceram e podem ser

positivos para o aprendizado dos moradores e para estreitar parcerias e relações colaborativas.

Nas três viagens relatadas anteriormente houve um nível de planejamento muito grande, por parte dos técnicos e pesquisadores do IDSM, sendo inclusive utilizadas as estruturas físicas da instituição para deslocamentos e acomodação. Mesmo assim os moradores do lago Amanã participaram do planejamento e prestação de serviços e venderam diversos produtos da agricultura familiar e artesanato. Nenhum dos visitantes teve qualquer custo com a viagem ao Amanã, sendo todos esses financiados pela pesquisa. Nas viagens posteriores, voltadas para o lazer e a vivência nas comunidades, foram utilizadas as estruturas comunitárias e priorizadas as interações entre anfitriões e turistas, que passaram a arcar com todos os custos.

Também em 2011 foi realizada a primeira viagem em que os visitantes se hospedaram na casa dos ribeirinhos e viveram o dia a dia de uma comunidade (Bom Jesus do Baré). A experiência foi rápida, mas intensa – apenas três dias e duas noites – quando os dois viajantes ficaram tocados com algumas particularidades que puderam perceber sobre os modos de vida locais. J. Brandão (30 anos, 2011) disse que

a intenção da visita à comunidade era viver um pouco da vida dos comunitários. [...] Fomos muito bem recebidos e acomodados. Dormimos em rede, fizemos parte da rotina dos comunitários. Tomamos banho no rio, pescamos para ter almoço, dormimos ao apagar das luzes e acordamos com o nascer do sol. A estadia foi perfeita, vivemos como comunitários por dois dias.

Em 2012, duas viagens também com caráter mais vivencial foram realizadas. Em janeiro um visitante ficou uma semana hospedado na comunidade Ubim e no sítio Cacau. Todas as estruturas utilizadas pertenciam aos ribeirinhos e as atividades estiveram ligadas à rotina comunitária, como pescar, buscar frutas na roça ou tomar banho de rio no jirau⁸ da beira de casa. R. Guimarães (29 anos, 2012) contribuiu com importantes apontamentos sobre motivações e perfis de público:

o tipo de turismo que me propus a fazer esteve intimamente ligado à vontade de conhecer a fundo a cultura das comunidades ribeirinhas, convivendo o tempo todo com eles e compartilhando seus hábitos. [...] Acho interessante para o planejamento turístico de base comunitária, o desenvolvimento de um plano que contemple turistas que queiram viver experiências como a minha e também turistas que prezem por um pouco mais de conforto e privacidade.

Em abril do mesmo ano, outra viagem para o Amanã ajudou a fortalecer nos habitantes o interesse por planejar, participar e dar sugestões para o desenvolvimento do turismo em seus territórios. Desta vez, três visitantes passaram uma semana no lago e mais pessoas e comunidades estiveram envolvidas no planejamento da viagem, que contou com a maior participação dos moradores em sua preparação e execução, até então. Foram utilizadas diversas estruturas comunitárias, como quatro barcos, canoas, além de hospedagem nas comunidades e nas próprias embarcações. Foi uma viagem com logística complexa, que permitiu aos comunitários ter uma noção clara dos desafios para operar o turismo. Da mesma forma, permitiu um convívio extremamente rico entre hóspedes e anfitriões, propiciando uma experiência transformadora, especialmente para os primeiros⁹. Para D. Simões (31 anos, 2012),

viajar de barco e estar no meio da natureza, poder respirar aquele ar puro, ver o verde ao redor e água, água por todo lado, olhar para o céu todo estrelado a noite [...] conhecer de perto o modo de vida e a simplicidade das comunidades, a agricultura de subsistência, os conhecimentos, os ensinamentos, a cultura, me fizeram ser e crer em um ser humano mais humano e real.

Também demonstrando alguns dos valores que uma experiência transformadora pode revelar, A. Portilho (30 anos, 2012), explicou que

é extremamente gratificante e enriquecedor conhecer uma região mágica como a Amazônia através dos olhos dos moradores: viver da maneira como eles vivem, comer do que eles comem (açaí natural colhido no dia, peixes frescos, frutas exóticas e a famosa farinha de mandioca), dormir em redes, jogar futebol nos campos enlameados, assistir novela na hora do funcionamento do motor de energia... É uma experiência fantástica que muda um pouco nossa concepção de vida e que nos ensina que não precisamos de muito para se viver.

Além destas viagens descritas em maiores detalhes, aconteceram outras dez entre 2010 e 2012, quando turistas conheceram a Reserva por seus próprios meios, seja porque visitavam algum amigo ou parente em Tefé, ou porque conheciam pessoas da Reserva que os auxiliaram na viagem. Nestas ocasiões as pessoas responderam ao mesmo questionário que era enviado aos visitantes das viagens experimentais. Para estas viagens foram utilizados distintos meios de transportes para o traslado, variando entre barco ou canoas de moradores, voadeira fretada ou do IDSM. Alguns viajantes se hospedaram na base de pesquisa, enquanto outros ficaram nas casas dos ribeirinhos ou ainda no próprio barco. Os visitantes declararam ter distintas motivações, como contemplar a beleza cênica do Lago Amanã, observar a fauna, ver como vivem as pessoas, participar de festas nas comunidades,

conhecer o trabalho desenvolvido com os peixes-bois ou visitar os sítios arqueológicos. L. Maranhão (33 anos, 2012) relatou que

os comunitários do Amanã são pessoas gentis e bastante receptivas, gostam de conversar e falar sobre seu cotidiano, além de fazer questão que você participe das atividades que eles estejam desenvolvendo. A interação foi muito boa. É realmente uma experiência única e que poderia ser mais explorada de forma consciente através do ecoturismo.

A. Cameron (27 anos, 2012), turista norte-americana que viajava pela Amazônia, disse que

a razão pela qual fui para o Amanã ao invés de Mamirauá é porque a única opção de viagem disponível era muito cara para meu orçamento. [...] Eu gostaria de ter ido a Mamirauá, mas penso que não é competitivo para jovens mochileiros se você só tem a Pousada Uacari.

Diversos aspectos importantes ao planejamento foram levantados, como, por exemplo, a riqueza arqueológica, cujo aproveitamento turístico sempre foi trabalhado em conjunto com os arqueólogos que pesquisam a região, ou o trabalho de conservação dos peixes-bois, que é um grande foco de interesse turístico e já foi alvo de planejamento pelos pesquisadores envolvidos em ambos os projetos. Referiu-se também a um tema fundamental, a saber, o custo de um pacote turístico na Amazônia. O modelo praticado em Mamirauá é considerado caro por muitos viajantes. Em assim sendo, como deve então se posicionar o modelo de turismo do Amanã? No formato praticado de maneira experimental, a formação de preço ainda não estava na pauta inicial. Cabe então aos moradores compreender como podem elaborar um ou mais formatos de turismo e se prepararem para conquistar seu espaço no cenário turístico.

A partir de 2014, quando foi formado o Grupo de Turismo do Lago Amanã, as viagens passaram a ser inteiramente organizadas e operacionalizadas pelos comunitários¹⁰. Entre 2014 e 2015, aconteceram quatro viagens, utilizando apenas as estruturas comunitárias. Entre 2016 e 2017 o Grupo de Turismo se desarticulou por diversas questões, e as viagens só voltaram a ser realizadas entre 2018 e 2020. Devido às restrições de acesso a comunicação, nem todos os viajantes responderam ao questionário. A dificuldade de acesso à internet ou celular pode ser um fator limitador para o desenvolvimento do turismo na região, visto que a comunicação eficiente é uma condição imprescindível para a operacionalização de viagens.

Alguns relatos dos visitantes foram enriquecedores, e apontam para questões mais técnicas e de mercado. M. Lapenta (43 anos, 2015) disse que

aproveitamos muito o contato com as comunidades e com as pessoas, mas em algumas comunidades passamos algum tempo ocioso, que poderia ter sido aproveitado em outras atividades. [...] Acho que para o futuro tem que ficar mais claro para o turista quais serão as atividades a serem realizadas. Elas não precisam ser fixas e é muito bom ter possibilidades de variar de acordo com o interesse, mas seria ótimo saber quais as opções disponíveis.

T. De Boer (38 anos, 2018), um holandês que visitou a Reserva pela primeira vez em 2014 e retornou quatro anos mais tarde com outros cinco conterrâneos, propôs algumas questões para a reflexão. Ele aconselha que

para o futuro é importante pensar sobre a privacidade das famílias. Para nós foi uma ótima experiência e é legal ver tudo e todos. Mas quando houver mais pessoas, mais frequentemente, aí pode ser bom pensar sobre a privacidade: o quanto vocês querem pessoas nas casas de vocês, ou se querem que elas fiquem em uma estrutura separada. [...] Vai sempre depender de como é o grupo que recebem, e seus interesses e desinteresses, mas ajudaria muito se alguém da comunidade falasse inglês. Nós sabemos e vemos que todos têm bastante conhecimento sobre a área, então teria sido 'nota 10' se pudéssemos nos comunicar um pouco mais.

Quando se busca a interação através do convívio próximo e da hospedagem domiciliar, as pessoas que se dispõem a isso devem compreender que os excessos podem ter aspectos negativos, e a perda de privacidade é um deles. A capacidade de comunicação também influencia muito na qualidade da experiência, pois os moradores não falam outro idioma. Como, até então, a maior parte dos visitantes era brasileira, isto não havia sido um problema, mas quando receberam estrangeiros, isto configurou-se em um fator limitante.

Em 2019, aconteceu uma experiência completamente nova, quando um grupo de estadunidenses especializados em observação de aves visitou o lago Amanã por três dias. O contato surgiu através da parceria com o Instituto Mamirauá e uma agência de Manaus. O grupo de dez estrangeiros viajava em barco fretado, com camarotes, serviço de cozinheiras, barqueiros e guias bilingues. Utilizaram o porto e a área da comunidade Ubim, sendo que seus moradores prestaram apenas o serviço de manutenção das trilhas e guiamento. Tratou-se de um formato ainda não executado anteriormente, mas que aponta para outras possibilidades, que podem ser impulsionadas pelas oportunidades de avistamento de espécies raras. Em janeiro de 2020 uma liderança da comunidade Baré também levou observadores de aves para conhecer a região, o que aponta para uma tendência de nicho de mercado que pode ganhar força.

Nas viagens entre 2014 e 2020 a participação dos comunitários foi muito maior, no sentido de planejar e gerir desde os primeiros contatos, até a definição da logística, das atividades e dos preços. Foi possível perceber que já buscavam encontrar uma postura mais profissional, no sentido da prestação de serviço. No entanto, a experiência empresarial do grupo ainda é limitada e a forma que vinham praticando ao receber os turistas não seguia um padrão mercadológico, espelhando-se mais em suas próprias práticas de trocas e hospitalidade. Para buscarem esse refinamento, sobre como querem se situar no mercado das experiências turísticas, ainda é preciso maior organização das comunidades e preparação para construir o que se quer de fato oferecer. Neste sentido, alguns visitantes, assim como os técnicos e pesquisadores que apoiam a iniciativa local, buscam sugerir questões para auxiliar nessas definições.

Propostas e experiências de base comunitária

Através das experiências compartilhadas por moradores, lideranças locais, pesquisadores, hóspedes e anfitriões, surgiram várias ideias para o turismo no Amanã. Para ajudar os comunitários a tornarem estas ideias realidade, foram pensados possíveis cenários para o TBC na Reserva (COELHO, 2012), a serem trabalhados de acordo com os níveis de organização e interesse locais.

Cada um dos cenários expostos a seguir apresenta demandas específicas, relativas a públicos distintos e diferentes níveis de esforço para captação dos mesmos. As atividades desenvolvidas e a forma de organização local para se trabalhar com estes diferentes modelos de turismo também são específicas para cada cenário. Da mesma forma, cada possibilidade implica em diferentes estruturas e equipamentos para iniciar as operações, assim como diferentes níveis de complexidade para gerir tais estruturas, considerando o uso, a manutenção e a depreciação delas. Adotou-se a segmentação por cenários para que fosse possível, para comunitários e gestores, visualizar as implicações relativas às diferentes possibilidades para o TBC nesta área da Reserva Amanã. É importante frisar que um cenário não precisa necessariamente excluir o outro e que existem pessoas que podem ter interesses comuns e eventualmente usufruir de estruturas e praticar atividades de diferentes cenários.

Cenário Turismo de Natureza – Diz respeito a viajantes com maior interesse em atividades relacionadas a observação de fauna e flora. Um público específico e característico deste cenário são os ‘passarinheiros’, praticantes do *birdwatching*. O público do turismo de natureza pode ser mais exigente com relação a encontros com espécies da fauna silvestre. Da mesma forma, podem ter maiores expectativas quanto à qualidade dos serviços e das estruturas utilizadas, sendo menos tolerantes com questões relacionadas a falta de conforto ou limitações de cardápio, entre outros. O público da Pousada Uacari e os clientes das agências de viagem que comercializam pacotes para Mamirauá tendem a se enquadrar neste perfil de turistas com maior interesse em observação de fauna e flora, e maiores demandas por estruturas e serviços especializados. O investimento inicial para a estruturação deste cenário pode ser mais elevado, assim como os

custos com operação, manutenção e depreciação. Voadeiras rápidas para traslados e confortáveis para os passeios, uma pousada ou um barco com camarotes, ambos com algum conforto e privacidade, provavelmente seriam as estruturas necessárias para a recepção deste público. O nível de treinamento para prestação de serviços também pode ser mais elevado, exigindo mais 'profissionalismo' dos moradores.

Cenário Turismo Vivencial – Se configura por uma experiência mais voltada ao estabelecimento de um contato direto e aprofundado entre anfitriões e hóspedes. O principal interesse dos viajantes é, não apenas conhecer os modos de vida e a cultura locais, mas fazer parte das atividades cotidianas nas comunidades. Segundo Reyes (2011), famílias dedicadas a atividades agrícolas abrem suas casas para acolher visitantes, a fim de fazer do turismo um processo de encontro e diálogo e envolver os turistas no cotidiano da comunidade. Neste cenário, as estruturas demandadas podem ser mais simples, pois, no intuito de privilegiar o contato direto, os viajantes se dispõem a compartilhar as estruturas dos moradores, sejam barcos, canoas ou até mesmo a casa, com eventuais adaptações. A programação turística pode se basear em acompanhar as atividades dos ribeirinhos, de pescar, trabalhar na roça ou extrair recursos da floresta. Como explica Irving (2009, p. 117), *“a experiência integral do turista em sua relação com a realidade local passa a se constituir também premissa essencial em planejamento”*. Os investimentos iniciais são menores, carecendo apenas de algumas adequações nas estruturas comunitárias existentes para se tornar possível receber os visitantes com segurança. Questões como a sazonalidade, podem ser menos problemáticas neste cenário, pois os equipamentos continuam sendo utilizados pelos próprios moradores ao longo do ano. O nível de treinamento também não é elevado, principalmente considerando-se que a hospitalidade é tão bem praticada.

Estes foram os dois principais cenários pensados para o turismo, em propostas construídas em colaboração com os habitantes. Algumas estruturas podem ser utilizadas para ambos, como pequenas canoas para passeios nos igapós ou um flutuante para banho no meio do lago. Também foram idealizados outros dois cenários secundários ou complementares, baseado nas observações feitas em outros locais e nas demandas vindas das comunidades, a saber:

Turismo Científico – o foco principal destes viajantes é a participação em atividades de pesquisa. O público-alvo são desde alunos de ensino médio, até estudantes de pós-graduação, do Brasil e do exterior. Este cenário representa uma oportunidade de interação com as pesquisas desenvolvidas na Reserva Amanã. Quanto às opções logísticas, há possibilidade de uso das estruturas de pesquisa do IDSM (caso haja interesse institucional), ou o uso das estruturas dos cenários do turismo de natureza ou do turismo vivencial. Um formato que já acontece na Reserva Mamirauá, com o Projeto Boto Vermelho é a vinda de estudantes para participar de uma pesquisa específica. Agências internacionais são parceiras do projeto, enviando anualmente estudantes e turistas em geral que ajudam nas pesquisas de monitoramento de cetáceos e contribuem com o seu financiamento. Estudantes de pós-

graduação de universidades do Amazonas já realizaram campo de disciplinas na Reserva Amanã e podem também ser um importante público.

Turismo Voluntário / Solidário – Neste tipo de turismo acontece a troca entre pessoas interessadas em contribuir com alguma habilidade específica que possuem, e populações que têm de alguma forma, a demanda pelo atendimento àquela necessidade. O viajante, além de querer conhecer o lugar, quer ajudar de alguma maneira, com aquilo que sabe fazer. Atividades associadas à educação e saúde costumam ser o foco principal dessa troca. Muitas vezes, os locais visitados são em regiões com índice de desenvolvimento humano mais baixo, cujas populações podem não ter acesso a alguns direitos básicos. As estruturas utilizadas podem ser as mesmas do cenário do turismo vivencial, mas também existem operadores internacionais deste tipo de turismo, que oferecem pacotes para turistas que querem ajudar alguma localidade, mas que também querem usufruir estruturas mais confortáveis, como pousadas e hotéis. Neste caso, poderiam ser compartilhadas as estruturas do turismo de natureza.

Os formatos de turismo científico e solidário podem se relacionar com mais sinergia com os formatos de turismo de natureza e vivencial, respectivamente. Mas o que identifica o perfil do visitante com determinado cenário segue linhas gerais, não sendo rígido ou imutável, podendo o viajante se interessar por atividades relacionadas a diferentes cenários. Esta forma de análise serve para indicar caminhos mais apropriados para que os moradores coloquem, em forma de projeto, aquilo que desejam para o futuro do turismo de base comunitária no Amanã. A diversidade, ou potencialidade da região permite o desenvolvimento do turismo da(s) forma(s) como seus protagonistas decidirem colocar seus esforços.

Através das experiências, encontros e relatos, comprova-se que a Reserva Amanã possui uma enorme riqueza histórica e sociocultural, além é claro da ambiental, podendo despertar o interesse de diferentes públicos, com distintas motivações. Enquanto alguns visitantes podem se interessar mais por experiências de natureza, como o avistamento de pássaros ou de grandes mamíferos, passeios na floresta e no lago, outros podem buscar vivências culturais, participando do cotidiano das comunidades, aprendendo com os ribeirinhos sobre as formas de vida na Amazônia.

Assim como podem variar as motivações de cada viajante, variam também suas disposições em enfrentar desafios, descobrir novidades e em se colocar para o encontro com o outro, no lugar do outro. Com isso diferentes estruturas podem ser requeridas para atender aos distintos graus de anseios dos turistas por segurança e conforto, a fim de se apresentarem dispostos para determinados tipos de encontros e interações. Ou, como expõe Almeida (2013, p. 21), *“a viagem tem origem na atitude dos sujeitos viajantes, no que se refere à postura de abertura ao mundo, ao novo, ao desconhecido, ao risco”*. Neste sentido, diversos modelos de estruturas podem ser concebidos para atender às distintas disposições dos visitantes para ir ao encontro do novo.

Com relação às formas de hospedagem, os moradores já pensaram em pousada(s) – em terra ou flutuante –, barco(s), suas próprias casas ou até

acampamento tradicional na mata (tapiri) como opções de pernoite, cada uma com suas facilidades e limitações. Também pensaram em locais para alimentação, como restaurantes, bares ou espaços para lanches. Buscando entender melhor as possibilidades baseadas nas experiências vivenciadas, os viajantes responderam questões sobre a forma de hospedagem utilizada. Os relatos ajudam a analisar as opções a serem trabalhadas pelas comunidades.

A. Portilho (30 anos, 2012) explicou que,

a ideia sempre foi se hospedar na casa dos comunitários e dessa forma vivenciar melhor sua cultura e trocar experiências. Dormir no Igarapé do Ubim, escutar as histórias e as músicas da Amazônia foi uma experiência única. [...] Devido principalmente à complexidade de logística da região, o ideal é a hospedagem na própria casa dos moradores, o que torna a experiência muito mais pessoal, tanto para o turista quanto para o comunitário.

Valorizando a forma como foi recebida, D. Simões (31 anos, 2012) contou que

fomos tratados com muito carinho e hospitalidade. Conhecemos suas casas, suas rotinas, histórias, comida local, costumes. Uma experiência única. Foi uma imersão na cultura e modo de vida local. Isso significava abrir mão de alguns confortos habituais.

Os comentários anteriores mostram algumas questões e possibilidades, como a convivência mais direta, quando da hospedagem nas casas dos moradores, o que implica por vezes em não ter alguns confortos. T. Souza (28 anos, 2012), que trabalhava em Tefé quando foi visitar um amigo no lago Amanã, hospedando-se em sua casa, diz que

o único 'porém' da hospedagem é a questão do banheiro. [...] Isto não chega a ser uma coisa que vejo como um ponto negativo da viagem, porque a realidade é essa. Por um lado, é importante que o turista vivencie como as pessoas vivem, mas acredito ser um ponto a ser melhorado pra favorecer o turismo e as famílias que trabalharem com isto: investir na construção de banheiros nas casas.

Desde 2012, devido a questões como o acesso a projetos de desenvolvimento, além da possibilidade de ser implementado o turismo, diversos moradores passaram a construir um banheiro em casa (por vezes de alvenaria). Mas ainda é hábito local usar o rio para banho e a beira (jirau) como extensão da casa.

Sobre a convivência com a população local, os relatos também apresentam questões interessantes para a análise. D. Loureiro (29 anos, 2011) disse que

foi uma interação muito positiva e próxima, pelo fato de ter ficado na casa de um deles. Apesar do pouco tempo, pude vivenciar intensamente o modo de vida dessas pessoas, a relação que eles têm com a floresta e como eles fazem para tirar dela a sua subsistência.

R. Guimarães (29 anos, 2012) confirmou que

a relação foi bastante intensa. Muito aprendizado e excelentes trocas culturais proporcionadas pelo convívio em tempo integral e acompanhamento da vida cotidiana das comunidades.

Corroborando com os depoimentos sobre a convivência com os habitantes, P. Ferraz (37 anos, 2015) deu detalhes de sua experiência:

conhecemos o roçado, nadamos, almoçamos nas comunidades visitadas, tentamos subir no açazeiro, remamos, acompanhamos o momento de atar a malhadeira e na hora de retirar os peixes, descascamos castanha, ajudamos a fazer o brigadeiro de açaí e conversamos muito com os comunitários. A hospedagem foi especialmente familiar e harmoniosa, que juntamente com as atividades, nos fez sentir que fazíamos parte do ambiente.

Coda, Ditt e Uezu (2011, p. 435) apontam que as práticas cotidianas podem ser aproveitadas como atrativos turísticos, “*uma vez que o turista pode participar de uma atividade, que o ajudará a compreender melhor a forma de vida e ampliar o valor atribuído à região*”. Uma ideia também levantada por um morador é uma espécie de “curso de vida Amazônica”, em que visitantes poderiam aprender questões sobre agricultura, plantas medicinais, técnicas de pesca, preparo de alimentos, enquanto participam dessas e de outras atividades.

Assim como as formas de acomodação possíveis são diversas, cada uma tendo características específicas, há também várias opções de deslocamento entre Tefé e Amanã, inclusive passando pelas pousadas e comunidades que trabalham com turismo na Reserva Mamirauá (o que favorece a construção de parcerias). Esses deslocamentos podem variar muito em tempo e dinheiro despendidos e na experiência de viagem em si. Barcos podem ser confortáveis, voadeiras rápidas, canoas econômicas, mas cada uma das opções possíveis, além de bem distintas entre si, também variam muito de acordo com o nível da água dos rios, as passagens pelos

‘caminhos das chuvas’¹¹, o banzeiro¹² e a disposição do viajante em encarar a viagem.

Os meios de transportes e a logística são um ponto crítico na decisão sobre o formato de turismo proposto, pois afetam enormemente o valor de operação e de aquisição e manutenção dos equipamentos. Nas viagens experimentais foram usadas diversas embarcações, como canoas pequenas, canoas grandes com cobertura, voadeiras rápidas e barcos regionais, sendo por isso importante compreender as experiências vividas pelos viajantes. Assim, foi perguntado a eles qual a forma de deslocamento utilizada, porque escolheram essa maneira e como foi a viagem.

F. Teixeira (30 anos, 2012) descreveu seu deslocamento para a reserva, em

uma viagem no barco de moradores das comunidades (17 horas ida e 14 horas volta). Indescritível. Experiência única. Apesar de fora dos padrões até então utilizados por mim e às vezes sem um pouco de conforto, considero uma experiência válida e de enriquecimento pessoal.

P. Ferraz (37 anos, 2015) relatou que

nos deslocamos em uma canoa rabeta¹³. A viagem, apesar de longa, foi sensacional. Viajar em rabeta por cerca de oito horas, pode ser visto como cansativo, mas foi extremamente enriquecedor.

A. Portilho (30 anos, 2012) que também viajou de barco, detalhou sua experiência:

fomos interagindo, conhecendo as pessoas, contando casos, tivemos a oportunidade de pegar no leme e navegar pelo Solimões e Japurá. Viajar de barco é um meio de deslocamento diferente para quem mora em grandes cidades do sudeste e onde se aproveita a viagem sem aquela costumeira pressa de chegar.

Os relatos anteriores demonstram que, por ser uma forma de viagem diferente da costumeira, o deslocamento passa a compor uma parte determinante da experiência na Amazônia. Uma visitante que utilizou na ida uma lancha rápida e na volta uma canoa grande com motor rabeta e cobertura, pôde experimentar as diferentes formas de viagens. A. Ribeiro (30 anos, 2012) explicou que

achei interessante comparar a experiência da viagem no expresso [voadeira] com a volta de rabeta. Na ida, de voadeira fechada, rápida, barulhenta e de grande porte, me senti mais isolada do ambiente e das pessoas que vivem na reserva. A volta de rabeta proporcionou maior proximidade com a flora e fauna e outros aspectos do meio ambiente, e também possibilitou maior interação com moradores e outras

peessoas que encontramos no trajeto. Do ponto de vista 'turístico', eu sinceramente gostei mais do deslocamento de rabeta, apesar de ter demorado bem mais e de ter sido um tanto cansativo.

E. Tedesco (29 anos, 2010), que viajou em uma canoa com motor rabeta e sem cobertura, também pôde detalhar sua experiência, dizendo que optou por essa forma de deslocamento

para vivenciar esse tipo de viagem e aproveitar o trajeto, além de muito mais econômico. Apesar de cansativa devido à longa duração e pela falta de conforto do tipo de embarcação escolhido, foi extremamente agradável e compensatória. O percurso é longo e andar de embarcações de rabeta não é para todos, sendo muito cansativo e exposto ao sol impiedoso da Amazônia. Existem diversas alternativas, para vários gostos e bolsos, devendo cada visitante levar em consideração até onde está disposto a conhecer de fato os costumes locais.

Assim como algumas estruturas de hospedagem, transportes, e afins, podem ser extremamente simples para alguns, ou até precárias para outros, as vivências e aprendizados catalisados pela proximidade podem proporcionar momentos especiais e enriquecedores para os que se dispõem a vivê-los. F. Teixeira (30 anos, 2012) comentou que foi

uma viagem surpreendente. Experiência que não se explica, somente vivenciando mesmo. É claro que ainda falta um pouco de estrutura e opções de apoio para os turistas. Para aproveitar o lugar, você tem que ter a cabeça preparada para as diferenças.

G. Fonseca (23 anos, 2012), que também se dispôs a viajar utilizando as estruturas dos moradores disse:

achei fantástico conhecer um pouco do estilo de vida das comunidades ribeirinhas e percebi que as pessoas lá têm um ritmo de vida muito mais saudável que os das cidades. Faltam naturalmente muitas coisas, quase todas relacionadas ao abandono do governo, mas as pessoas conseguem ter tudo o que necessitam para viver sem ter de enfrentar trânsito, poluição, barulheira de carro, trabalho de segunda a sexta e patrão.

A. Portilho (30 anos, 2012), que tem formação em turismo e trabalha em agência de viagens, fez uma importante explanação sobre o tipo de experiência que encontrou no Amanã. Para ele,

é uma viagem bem alternativa devido à dificuldade da logística, precariedade de saneamento básico, escassa infraestrutura turística e pouca diversidade de alimentação. Não é qualquer pessoa que se aventuraria a conhecer o Amanã, mas existe sim um público muito interessado em vivenciar o que foi vivenciado por nós, justamente porque foge do comum. Hoje não se compra 'pacotes turísticos' como uma viagem ao Amanã e é justamente a precariedade turística e a distância, tanto física quanto cultural, que tornam o lugar tão especial. O grande dilema será desenvolver o turismo, criando infraestrutura, e ao mesmo tempo preservar o local e as pessoas para que continuem do mesmo jeito que sempre foram.

Irving (2009) confirma que já existem operadoras e agências que buscam dar visibilidade a destinos menos convencionais, para onde um “cidadão global” viaja em busca de oportunidades de vivências e aprendizado, enquanto Cohen (1972) indaga se as atitudes de viajantes em relação às sociedades visitadas e à sua própria, de fato se modificam. Talvez o grande dilema no planejamento do turismo de base comunitária – onde as pessoas do lugar são agentes no processo e sua cultura e modos de vida são um aspecto determinante na atratividade do lugar – seja encontrar o equilíbrio entre a autenticidade, o empoderamento e a qualidade na prestação de serviços para inserção no mercado.

Como último relato de um visitante, destacamos as palavras de J. Brandão (30 anos, 2011), que por três dias pôde viver algumas experiências reais, autênticas, de uma comunidade do lago Amanã, demonstrando a simplicidade e a beleza das experiências genuinamente amazônicas, que podem ser apreciadas por quem se dispõe a ir, com mente e coração abertos, ao encontro do desconhecido:

acordamos cedo e fomos colocar a malhadeira no rio. Como havia chovido muito na noite anterior pegamos nada menos que 50 peixes. Aprendemos com isso a importância da partilha. Ficamos com 20 e distribuímos o restante a quem não tivera a oportunidade nem tempo de pescar naquele dia. Assistimos uma família torrando farinha. Cada um na sua função, mas trabalho de toda família: pai, mãe, filhos e filhas. Todos com sua contribuição. Almoçamos um delicioso peixe frito feito por nossa anfitriã e descansamos um pouco.

Conclusão

‘Viajando’ nas possibilidades proporcionadas pelo turismo de base comunitária em Amanã, é possível vislumbrar inúmeras alternativas de experiências e suas vivências resultantes, tanto para turistas quanto moradores. O mais importante, porém, é que sejam os moradores a viajar nessas ideias – a imaginar como gostariam de se organizar, quem gostariam que os visitassem, quanto estão dispostos a dedicar seu tempo e trabalho (entre diversas outras tarefas que já desempenham) e o que esperam receber como retorno dessa dedicação. E isso é um processo lento, que vem seguindo o tempo das comunidades e fazendo uso das experiências para testar as possibilidades, aguçar os interesses, despertar a organização para esse movimento.

Jovens vêm assumindo importante papel de protagonistas, em consonância com os interesses de suas famílias e comunidades. A chance de captar recursos para investir em uma iniciativa comunitária é real e pode acelerar os trabalhos de organização e preparação para alcançar de fato a materialização das ideias que eles têm para o turismo em Amanã. Outros grupos organizados da Reserva Amanã, como os agricultores que possuem uma usina despulpadora de frutas, ou o grupo de mulheres artesãs, ou ainda os manejadores de pirarucu, entre outros, podem se beneficiar diretamente com um possível projeto de turismo comunitário.

Além das múltiplas interações com outros grupos da Reserva Amanã, uma proposta de TBC pode também desenvolver conexões e sinergias com outras iniciativas de turismo regionais. São os casos da Pousada Uacari, até mesmo como parte de um mesmo roteiro, e outras iniciativas das comunidades da Reserva Mamirauá, que vêm construindo propostas mais similares à do Amanã. As relações entre todas elas já existem e as parcerias podem ser intensificadas, permitindo desde formas de intercâmbio, treinamento ou até trabalhos conjuntos, combinando diferentes destinos e experiências.

Recaem sobre o desenvolvimento do turismo, diversas questões relativas aos anseios das comunidades, como saúde, educação, saneamento, comunicação. Assim como os moradores esperam que estes temas sejam atendidos de melhor forma pelos governos, pensam que o turismo também poderá ajudar a trazer tais melhorias. Por outro lado, o desenvolvimento da atividade precisa que tais questões estejam mais ao alcance das populações locais. Entre as mais palpáveis estão o acesso a água potável (poço) e saneamento; a melhoria na qualidade da educação (que irá refletir na capacidade dos habitantes em gerirem melhor os empreendimentos); o acesso a saúde; e a necessidade de comunicação (essencial para os contatos com os visitantes).

Nos onze anos de contato com os moradores do lago Amanã já puderam ser percebidas algumas mudanças: banheiro em casa (por vezes de alvenaria), acesso a tecnologias como bomba d’água a energia solar, fábrica de gelo, usina de polpas de frutas, programas de governos e auxílios referentes à conservação da floresta, entre outros, já provocam pequenas mas significativas alterações na vida nas comunidades. Essas podem ser

positivas no que tange ao desenvolvimento do turismo, em especial aos anseios dos viajantes por maior conforto e segurança.

As experiências já realizadas com visitantes apontam para importantes valores nas vivências e nas interações com os anfitriões, comprovando também que há inúmeras possibilidades de 'Viagens ao Amanã'. Resta ser definido pelos moradores como (e se) eles irão construir de fato uma (ou várias) proposta(s) e quais os impactos a atividade poderá trazer para a vida nas comunidades mais diretamente envolvidas, assim como para a Reserva como um todo.

Notas:

¹ Uma versão anterior deste artigo, que trazia a análise das primeiras viagens turísticas à RDS Amanã, foi apresentada no V SAPIS, em Manaus.

² A Reserva Amanã é composta por setores políticos, entre eles o Setor Lago Amanã, onde se localizam as comunidades estudadas nesta pesquisa. Os termos 'Reserva' ou 'RDS' são utilizados para fazer referência a toda a unidade de conservação, enquanto 'Lago Amanã' ou simplesmente 'o Amanã' dizem respeito apenas a área do lago, em especial as comunidades Ubim, Bom Jesus do Baré e Boa Esperança.

³ Todas as pessoas que viajaram para a RDS Amanã estão aqui categorizadas como 'visitantes', ou viajantes. Algumas eram turistas em viagem de lazer, outras eram consultores realizando algum trabalho técnico, outras ainda eram parentes ou amigos de pesquisadores do IDSM. Independente do propósito de cada viagem, vivenciaram suas experiências enquanto visitantes, responderam ao questionário e contribuíram com seus relatos.

⁴ Título da pesquisa de doutorado em geografia pela UFMG, conduzida e orientada pelos autores deste texto, com foco nas formas de organização local que visam romper com aspectos coloniais da atividade turística.

⁵ Assim como os próprios moradores o fazem, serão utilizados neste trabalho os termos 'comunitários', ou 'ribeirinhos', para referir aos amazônidas do médio Solimões. No entanto, outras terminologias, como 'caboclos', 'índios' e 'arigós', são utilizadas localmente entre os grupos como forma de autorreconhecimento, ou para definir outros grupos locais, mas não entraremos nesta questão. Reconhecemos a diversidade de populações que habitam esta região de estudo e consideramos, para esta análise, que elas são parte também da categoria 'populações tradicionais', as quais buscam, no caso analisado, se organizar para o turismo comunitário.

⁶ 'Recreio' é a forma como são chamadas as embarcações que fazem o trajeto entre as grandes cidades e portos intermediários, transportando toneladas em carga e centenas de pessoas em redes que se sobrepõem umas às outras.

⁷ Os chamados 'furos' são caminhos que se tornam navegáveis em algum momento do período da enchente e na cheia, quando o nível da água dos rios já permite fazer estes trajetos que evitam grandes voltas.

⁸ Na beira do rio, o jirau, geralmente flutuante, no porto de cada casa, é uma extensão do espaço doméstico onde se acessa a água. Local de 'tratar' o peixe, lavar roupas e vasilhas e tomar banho, é também um importante espaço de socialização, principalmente para as mulheres e para as crianças.

⁹ Apesar de tratarmos algumas das experiências como transformadoras, consideramos também as análises de Bruner (1991), que argumenta que os turistas

mudam muito pouco com a viagem, enquanto as consequências do turismo para as populações locais são profundas.

¹⁰ Sempre em conformidade com as regras acordadas localmente e respeitando as normas estabelecidas pelo órgão gestor.

¹¹ Amanã, de acordo com referências locais, é uma palavra de origem indígena que significa 'caminho da chuva'. No trajeto entre Tefé e o lago Amanã, que pode durar três horas (de voadeira) ou até 12 horas (de canoa ou barco), é frequente a possibilidade de cruzar o caminho de uma ou várias pancadas de chuva. A experiência vivenciada nesses encontros pode variar muito, de acordo com a embarcação que se está viajando.

¹² Expressão local para se referir ao balanço das águas dos rios. Pode ser bem perigoso, especialmente em corpos d'água volumosos como os rios Solimões e Japurá e o próprio lago Amanã.

¹³ Tipo de motor utilizado em canoas, tem potência entre 5 hp e 13 hp. Uma longa haste de metal conecta o motor à hélice, daí o termo 'rabeta'.

Agradecimentos

Agradecemos imensamente as/os habitantes das comunidades das Reservas Amanã e Mamirauá que participam do turismo de diversas formas e que sempre receberam as/os visitantes com enorme carinho e respeito, sendo verdadeiros professores na hospitalidade e nas formas de habitar a floresta Amazônica.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, F. Viagens turísticas como experiências de fronteiras. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.1, 2013, p. 13-28.

AMAZONAS. Decreto nº 19.021, de 04 de agosto de 1998. Cria a Unidade de Conservação denominada Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, RDS Amanã, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Amazonas**, Poder Executivo, Manaus, 6 ago. 1998. v. 104, n. 28978.

ARAÚJO, G., GELBCKE, D. Turismo Comunitário: Uma perspectiva ética e educativa de desenvolvimento. **Revista Turismo Visão e Ação**, v.10, n.3, 2008, p. 357-378.

BALLESTEROS, E.; RAMÍREZ, M. Tourism that Empowers? Commodification and Appropriation in Ecuador's Turismo Comunitario. **Critique of Anthropology**. n.30, n.2, 2010, p. 201-229.

BERNARDON, B.; BERNARDON, G. Relatório de estudo sobre potencialidade para o turismo de observação de aves nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, Amazonas, Brasil. **Relatório interno**, IDSM, Tefé, 2012.

BRUNER, E. Transformation of self in tourism. **Annals of Tourism Research**, v.18, 1991, p. 238-250.

CEZAR, T. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. **Almanack Braziliense**. São Paulo, n.11, 2010, p. 26-33.

CODA, J.; DITT, E.H.; UEZU, A. Avaliação do Projeto de Turismo com Base Comunitária do IPÊ, no Baixo Rio Negro (AM). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.4, n.3, 2011, p. 417-440.

COELHO, E. Viabilidade do Turismo de Base Comunitária na RDS Amanã. **Relatório técnico final das atividades de bolsa/CNPq**. Programa de Turismo de Base Comunitária. IDSM: Tefé, 2012.

COELHO, E. Refletindo sobre turismo de base comunitária em Unidades de Conservação através de uma perspectiva amazônica. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.1, 2013, p. 313-326.

COHEN, E. Toward A Sociology of International Tourism. **Social Research**, v.39, n.1, 1972, p. 164-182.

DOLEZAL, C.; NOVELLI, M. Power in community-based tourism: empowerment and partnership in Bali, **Journal of Sustainable Tourism**, 2020, p. 1-19.

IRVING, M. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? *In.*: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 108-121.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. *In.*: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 45-54.

OZORIO, R. Inventário da oferta turística potencial da RDS Amanã. **Relatório técnico final das atividades de bolsa/CNPq**. Programa de Turismo de Base Comunitária. Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Tefé, 2009.

REYES, F. Identidad territorial y el turismo vivencial: Caso departamento de Ancash. **Investigaciones Sociales**, Lima (PE), v.15, n.27, 2011, p.105-119.

SAMPAIO, C. Turismo como Fenômeno Humano: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. **Turismo em Análise**, v.18, n.2, 2007, p. 148-165.

SAN SOLO, D.; BURSZTYN, I. Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. *In.*: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 142-161.

SEMA (Secretaria Estadual de Meio Ambiente – AM). **Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã**. Série Técnica Planos de Gestão. Tefé, 2019.

TODOROV, T. A viagem e seu relato. **Revista de Letras**, São Paulo, v.46, n.1, 2006. p. 231-244.

VILLELA, J. Resenha de: Corpo e Alma – Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe. **Mana**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, 2002, p. 220-222.

WEARING, S., NEIL, J. **Ecoturismo: Impactos, potencialidades e possibilidades**. Barueri: Manole, 2001.

ZAOUAL, H. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? *In.*: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 55-75.

Eduardo de Ávila Coelho: Instituto de Geociências, UFMG, Belo Horizonte.

E-mail: edu.avilacoelho82@gmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6699311143257092>

Bernardo Machado Gontijo: Instituto de Geociências, UFMG, Belo Horizonte.

E-mail: gontijob9@gmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0882015654292509>

Data de submissão: 7 de agosto de 2020

Data de recebimento de correções: 12 de maio de 2021

Data do aceite: 14 de maio de 2021

Avaliado anonimamente